

segundocaderno@oglobo.com.br

HERMANO  
VIANNA

## TODO ARTO É POUCO

“Arto Lindsay é tipo o Picasso da guitarra rítmica.” Gostaria de assinar essa frase. Mas seu autor é Glenn O'Brien, que na época escrevia a coluna Beat na revista “Interview”, ainda editada por Andy Warhol. Glenn é um liquidificador furioso de referências díspares e mestre de afirmações estonteantes, mas invariavelmente verdadeiras. Sobre o DNA, grupo de Arto fundador da No Wave (estilo cuja influência estética é cada vez maior): “banda soul biometálica cubista”. Sobre Arto letrista: “ele está em algum lugar entre Tristan Tzara (*o poeta dadaísta*) e Johnny Mercer (*autor de “Moon river”*).” Sobre o Arto cantor: “ele está em algum lugar entre Yma Sumac (*a diva peruana que se dizia princesa inca*) e Hoagy Carmichael (*mais conhecido como compositor de “Stardust”*).”

Citei tudo isso para acordar o leitor. Sou menos criativo. Começaria este texto de forma sóbria, repetindo o que escrevi aqui duas semanas atrás: Arto é nosso melhor embaixador. Deveria ter cargo vitalício no Ministério das Relações Exteriores. Seus serviços prestados para a divulgação da modernidade brasileira pelo mundo agora têm valor incalculável. Agora, pós-Brics, é bem mais fácil vender nossa cultura no exterior. Brasil, de Hélio Oiticica ao tecnobrega (o DJ alemão Daniel Haaksman — outro bom embaixador — acaba de lançar coletânea desse gênero amazônico na Europa, repetindo a estratégia abre-alas que usou para seu CD pioneiro de funk carioca fora de nossos bailes), é “cool”. Até outro dia, nossa imagem — quando havia alguma — era exótica. Arto me dizia: “Tento mostrar que Caetano Veloso, Hélio Oiticica e Nelson Rodrigues são nomes centrais, e não periféricos, na arte moderna mundial.”

A credibilidade que Arto tinha (e continua a ter) na cena de vanguarda de Nova York (onde trabalhou com “todo mundo”, de Jean-Michel Basquiat a John Zorn), e depois de Berlim (onde colaborou com os dois Heiner, Muller e Goebbels) ou Tóquio (onde colaborou com Ryuichi Sakamoto ou com trilhas dos desfiles da Comme des Garçons) fazia com que suas lições brasileiras fossem levadas a sério (convencendo até Laurie Anderson a participar de espetáculo sobre Carmen Miranda), abrindo cada vez mais espaços para visões menos estereotipadas sobre nosso país. Suas intervenções por aqui, de produções de discos de Marisa Monte ao desfile carnavalesco organizado em Salvador em parceria com Matthew Barney e o Cortejo Afro, levaram suas atividades de mediador para outro patamar, contribuindo para cada vez mais saudáveis questionamentos sobre a localização das fronteiras entre o nacional e o global.

Quando fiquei fã do DNA (como Lester Bangs, eu queria ver essa banda tocando no Madison Square Garden), não sabia que Arto tinha conexão brasileira. Ele mesmo me contou sobre sua infância pernambucana quando nos encontramos no Rio, no início dos anos 1980. Ficamos amigos (Arto me apresentou a muitos de seus amigos, como Caetano), mas permaneci tiete. Seus discos solos, com usos surpreendentes de percussão brasileira ou eletrônica pós-hip-hop sob melodias de pop perfeito, continuam a me maravilhar. Permaneci também aluno do Arto pensador/radar daquilo de mais interessante que acontece no planeta (este ano, por exemplo, ele já trabalhou até com o cineasta Apichatpong Weerasethakul na Tailândia). Tenho interesse especial em ideia que Arto vem desenvolvendo com a produção de paradas/processões/passeatas/desfiles artísticos (já aconteceram em Veneza e Los Angeles, entre outras cidades). O Brasil tem longa tradição, desde o Triunfo Eucarístico colonial, de colocar arte para andar na rua. Gostaria de ver um dos desfiles de Arto em nosso solo.

Temos a sorte de ter Arto morando no Rio. Sua lista atual de atividades com base carioca impressiona: disco duplo (um CD retrospectivo com o melhor dos discos solos e outro CD ao vivo, com registro dos shows com voz e guitarra — o próximo será realizado hoje no New Museum, em Nova York); participação na exposição com curadoria de Hans Ulrich Obrist na casa de Lina Bo Bardi, em São Paulo; produção do disco novo da banda Tono; produção de DVD do Ilê Aiyê; reapresentação do desfile “Somewhere I read”, com música tocada em telefones celulares, na Noruega; reapresentação do projeto “36 years in 1 night”, inspirado em “Simão do deserto” de Buñuel (cada músico na sua torre de cinco metros com seu próprio sistema de som e um arrastão de 60 adolescentes) em Bolonha; planejamento de curadoria de um projeto de instalações e performances no Inhotim. Ufa! Mesmo assim, tenho a impressão que não estamos aproveitando devidamente a presença do Arto na cidade. Ele tem muito mais o que fazer por aqui. ●

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
FELIPE HIRSCH	Pelo mundo	FRANCISCO BOSCO	Pelo mundo	HERMANO VIANNA	JOSÉ MIGUEL WISNIK	CAETANO VELOSO
	CRISTINA RUIZ BERLIM		EDUARDO GRAÇA NOVA YORK			
	ANA PAULA SOUSA LONDRES		EDUARDO LEVY LOS ANGELES			

UM SOS PARA OS  
PIANISTAS DO BRASIL

Escassez de brasileiros em concurso internacional promovido no Rio faz BNDES anunciar bolsas de estudo e garimpo de talentos nacionais

CATHARINA WREDE  
catharina.wrede@oglobo.com.br

Faltavam 15 minutos para que o pianista Ronaldo Rolim, paulistano de 26 anos, pisasse ontem no palco do auditório BNDES e se lançasse aos ouvidos dos nove jurados na plateia. Era a fase eliminatória do III Concurso Internacional BNDES de Piano do Rio de Janeiro. No camarim, o brasileiro tentava se concentrar na partitura da Sonata K. 332 em Fá Maior, de Mozart, tocando-a na cabeça, mas a mistura das notas da competidora italiana Elisa D'Uria, que se apresentava no momento, com as que saíam do teclado de ensaio do finlandês Tuomas Kyyhkynen, na sala ao lado, atrapalhavam. Rolim saiu em direção ao estacionamento do lugar e começou a ziguezaguear entre os carros, absorvendo o silêncio. Logo após a prova, sentenciou, severo:

— Não fui bem. Podia ter feito muito melhor.

Apesar da autocrítica, ele descobriu, na noite de ontem, que tinha sido um dos oito selecionados, dos 16 que se apresentaram na fase eliminatória, para as semifinais — que acontecem amanhã, domingo e terça-feira. Além do paulistano, foram para a segunda rodada Akihiro Sakiya (Japão), Mikhail Berestnev (Rússia), Nino Bakradze (Geórgia), Sun-A Park (EUA), Tamila Salimjanova



Sozinho. Ronaldo Rolim é o único brasileiro disputando prêmio de R\$ 80 mil

(Uzbequistão), Dongkyu Kim e Yejin Noh (ambos da Coreia do Sul). Rolim é o único representante brasileiro no concurso e, ainda assim, ele não mora no Brasil. Aos 18 anos, o paulistano foi para Baltimore, nos EUA, aprimorar seus estudos e nunca mais voltou.

— Muitas pessoas têm falado que o piano brasileiro está em declínio, mas eu não concordo — argumenta Rolim. — O que

está em declínio é a estrutura do ensino no Brasil. Está totalmente defasado. Somos obrigados a ir para o exterior não para fazer carreira, mas para estudar. A minha geração é de um potencial tremendo, mas o Brasil nunca teve cultura de concurso. Acho que isso até assustou alguns de nossos talentos, porque eles não se sentem preparados para fazer as provas. E é uma preparação muito

exaustiva, estressante.

A escassez de participantes brasileiros chamou a atenção da diretora da competição, a pianista Lilian Barretto. Alarmada com a ausência de um participante sequer que viva no Brasil, ela decidiu criar, para a edição de 2014 (o concurso é bienal), uma bolsa de estudos no exterior para o brasileiro residente que ficar entre os três primeiros colocados.

— As edições anteriores apontaram que precisamos investir em quem está estudando aqui — conclui Lilian. — A diferença do nível entre quem fica no Brasil e quem estuda fora aumenta a cada ano. Nas escolas estrangeiras, eles trocam de piano de cinco em cinco anos. Todos os alunos têm piano de calda. Aqui, os meninos estranharam ter que ensaiar com pianos de armário na Escola de Música da UFRJ. Decidi também aumentar o número de pré-selecionados, de 20 para 25, porque muita gente boa acaba não entrando.

## FINAL SERÁ EM 8 DE DEZEMBRO

Além disso, Lilian anuncia o projeto SOS Talentos de Música, em parceria com o BNDES, para garimpar pianistas nos conservatórios do país.

Este ano, o concurso oferece R\$ 215 mil em prêmios, distribuídos entre o primeiro (R\$ 80 mil), segundo (R\$ 55 mil) e terceiro (R\$ 35 mil) lugares, além de R\$ 15 mil para o Melhor Intérprete de Música Brasileira e R\$15 mil do Prêmio Almeida Prado — compositor brasileiro homenageado. Pela primeira vez o público poderá votar em seu candidato preferido, que receberá R\$ 15 mil.

Segundo o presidente do júri, o francês Jean-Philippe Colard, o concurso do BNDES já está entre os mais importantes do mundo, tendo se tornado membro, em 2011, da WFIMC (World Federation of International Music Competitions). A final acontece no próximo dia 8, no Teatro Municipal. ●

## MEDALHÃO REBELDE

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

Entre os homenageados de “Abraço” está Carlos Marighella, citando livro (“Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo”, de Mario Magalhães), filme (“Marighella”, de Isa Grinspum Ferraz) e música (“Mil faces de um homem leal”, dos Racionais MC’s) recentes, Caetano acredita que se chegou a um momento de olhar novamente para o personagem.

— É o tempo natural da respiração histórica — diz o músico. — Minha canção parece um protesto, da época das canções de protesto.

A raiva com que se refere aos assassinos da missionária e do guerrilheiro aparece também quando ele se dirige à musa de “Funk melódico”: Caetano evoca a “mulher indigesta” de Noel Rosa para se dirigir a uma personagem que “produz raiva, confusão, tristeza e dor”, provando que “o ciúme é o estreme do amor” (citação ao Vinícius de Moraes e seu verso “O ciúme é o perfume do amor”). Falando em amor, “Quando o galo cantou” se inspira no pagode romântico.

— Gosto daquela brincadeira rítmica, uma corridinha na letra, que faço um pouquinho na canção. É uma homenagem, até mais no dizer a expressão “pagode romântico” na letra — avalia Caetano. — Mas o principal é que Tom, meu filho, adora, como bom jogador de futebol.

O show de “Abraço” chega aos palcos em março de 2013. Encerrando uma trilogia que estabeleceu novos parâmetros para sua música, Caetano procura driblar o papel de mito intocável da MPB, que vem sendo reafirmado nos tributos aos seus 70 anos e em homenagens como o prêmio Pessoa do Ano do Grammy Latino, que ele acaba de ganhar.

— Não queria homenagem por fazer 70 anos. Acho um pouco chato, parece que só o que você tem é uma idade. É uma tolice — diz o baiano. — Sou um medalhão rebelde. ●

**MADONNA**  
THE MDNA TOUR

**A ABERTURA DE WILL.I.AM NO SHOW DA MADONNA, DIA 2 DE DEZEMBRO NO RIO DE JANEIRO, FOI CANCELADA. O ARTISTA SERÁ SUBSTITUÍDO POR: FELGUK**

DEVIDO A CONFLITOS DE AGENDA, WILL.I.AM NÃO PODERÁ FAZER A ABERTURA DO SHOW DA MADONNA QUE SERÁ REALIZADO DIA 02/12/12, NO PARQUE DOS ATLETAS NO RIO DE JANEIRO. O ARTISTA SERÁ SUBSTITUÍDO PELA DUPLA DE DJs E PRODUTORES MUSICAIS BRASILEIROS FELIPE LOZINSKY E GUSTAVO ROZENTHAL: FELGUK.

ABERTURA **Felguk**

VENDAS **MADONNA NO RIO**  
WWW.MADONNANO RIO.COM.BR  
SUJEITO A TAXA DE CONVENIÊNCIA

REALIZAÇÃO **T4f** TIME OF FUTURE **LIVE ENTERTAINMENT**

PARA INFORMAÇÕES COMPLETAS SOBRE A TURNÊ E TICKETS VISITE [WWW.MADONNA.COM](http://WWW.MADONNA.COM)  
PRODUCED BY LIVE NATION GLOBAL TOURING

NONO ANO: ALBUM "MDNA" JÁ NAS LOJAS

Classificação etária: 14 anos. 12 e 13 anos acompanhados pelos pais ou responsáveis legais.